



DÁ PISTA À PISTA: UMA TRAVESSIA ENTRE A PISTA COMO CAMINHO DE PESQUISA E A PISTA COMO ESPAÇO DE ATIVAÇÃO ARTÍSTICA E COLETIVA

FROM TRACK TO DANCEFLOOR: A JOURNEY BETWEEN THE TRACK AS A RESEARCH PATH AND THE DANCEFLOOR AS A SPACE OF ARTISTIC AND COLLECTIVE ACTIVATION

Amanda Martins de Abreu¹
Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: não

Carolina Corrêa Rochefort²
Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

Neste artigo, compartilho um recorte da pesquisa que venho desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel, na qual investigo a festa *Coisinha* como um disparador artístico e político. Proponho uma reflexão sobre a pista de dança como território de acontecimento artístico, espaço sensível onde se produzem atravessamentos coletivos, afetos e experimentações. A partir de referências como Spinoza (2010), Suely Rolnik (2003) e Hélio Oiticica (1986), problematizo a *Coisinha* como campo expandido da arte, operando entre instalação, performance e práticas de “pós-produção” (Bourriaud, 2009).

Palavras-Chave: Pista. Corpo. Instalação. Território. Acontecimento.

ABSTRACT

In this article, I share a segment of the research I have been developing in the Graduate Program in Visual Arts at UFPel, in which I investigate the Coisinha party as an artistic and political trigger. I propose a reflection on the dance floor as a territory of artistic event, a sensitive space where collective crossings, affections, and experimentations are produced. Drawing on references such as Spinoza (2010), Suely Rolnik (2003), and Hélio Oiticica (1986), I problematize Coisinha as an expanded field of art, operating between installation, performance, and “post-production” practices (Bourriaud, 2009).

KEYWORDS: Dancefloor. Body. Installation. Territory. Event.



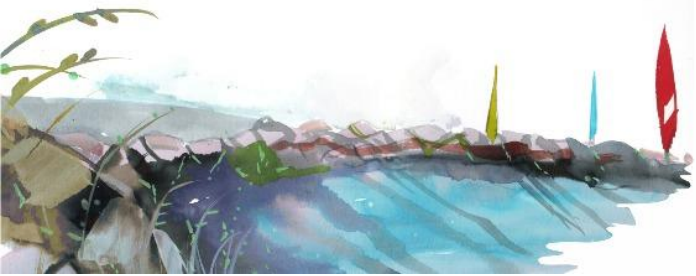
Da pista à pista

Neste artigo, me proponho a compartilhar um recorte da pesquisa que venho desenvolvendo no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Minha investigação de mestrado, nesse momento, parte da pergunta “o que pode uma *Coisinha*?”. Me refiro, especificamente, a festa *Coisinha*, uma festa que é pensada como uma obra de arte em série. Embora ela seja proposta por mim, é entendida como um núcleo, pois reúne nove artistas, sendo: três djs, dois fotógrafos, um designer, uma hostess e um projetorista/assistente de montagem. Utilizo a palavra núcleo para fazer referência ao contexto biológico, perspectivando a *Coisinha* como um organismo vivo. Nesse sentido, ela é abordada como acontecimento artístico, tramando aspectos da instalação a partir do Programa Ambiental de Hélio Oiticica (1986), do espaço de performance de Regina Melim (2008) e da Pós-Produção de Nicolas Bourriaud, (2009) nas artes visuais no contexto de uma festa de música eletrônica. Assim, ao longo da pesquisa, compreendo a *Coisinha* como um disparador artístico e político, capaz de produzir experiências que atravessam os limites tradicionais entre arte, vida e festa.

Neste percurso, algumas palavras-chave ou, talvez, ativadores conceituais agem como “conceitos operatórios” (Rey, 2002). Eles têm se mostrado fundamentais para pensar essa pergunta inicial. São eles: acontecimento (Deleuze, 2011) território (Rolnik, 2003) e encontro (Spinoza, 2010). Esses termos operam como forças teóricas e sensíveis que motivam a reflexão e dão corpo à escrita proposta aqui.

Mas afinal, que *Coisinha* é essa?

Coisinha é uma obra/festa de música eletrônica que criei em Pelotas (RS) durante minha residência e gestão no ateliê coletivo Relva Cultural, durante os anos de 2022 a 2024. Ela se constituiu, desde o início, como um campo expandido da minha pesquisa em artes visuais. Ou seja, a partir da ideia de “campo ampliado” de Rosalind Krauss (2008), pensada pela autora sobretudo com relação à escultura no contexto



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

da arte contemporânea, considero que a *Coisinha* alarga os limites das categorias tradicionais das artes visuais e incorpora a ideia de performance à noção de espaço de performance (Melim, 2008) e a ideia de instalação ao Programa Ambiental (Oiticica, 1986).

Avalio como uma parte embrionária da *Coisinha* duas performances que realizei em 2019, são elas: *Eu Preciso de Dinheiro* (Imagens 1 e 2) e *Lojinha* (Imagens 3 e 4). A performance *Eu Preciso de Dinheiro* é uma ação em que me camuflei como prestador de serviços urbanos da prefeitura de Pelotas. Vestida com uma espécie de uniforme que esses prestadores costumam usar, realizei uma série de escritas que repetiam a frase “eu preciso de dinheiro”. Elas foram escritas com cal e pincel no meio da rua, sobre o asfalto. Já a performance *Lojinha* aconteceu em Porto Alegre durante a exposição de arte “As Coisas Que São Ditas Antes - ocupação - residência - exposição”, que ocorreu na Casa Baka. A performance foi realizada na calçada, onde coloquei um panfleto com uma foto da performance *Eu Preciso de Dinheiro*, um cofrinho e uma máquina de cartão em cima de uma caixa de papelão. Então, eu me propus a “fazer” dinheiro anunciando a venda de coisas que não existiam, anunciando coisas que não são vendáveis, assim eu ia prolongando o tempo de visita dos espectadores junto a “Lojinha”, oferecendo meu trabalho de artista, que estava no panfleto.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Amanda de Abreu, Eu Preciso de Dinheiro, 2019. Registro de Performance, 41,06 cm X 23, 11 cm. Foto: Rafaela Barbosa Ribeiro 2019.





extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Imagem 2. Amanda de Abreu, *Eu Preciso de Dinheiro*, 2019. Registro de Performance, 41,06 cm X 23, 11 cm. Foto: Rafaela Barbosa Ribeiro 2019.



Imagem 3. Amanda de Abreu, *Lojinha*, 2019, Registro de Performance, 26,67 cm X 35,56 cm. Foto: Amanda de Abreu, 2019.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

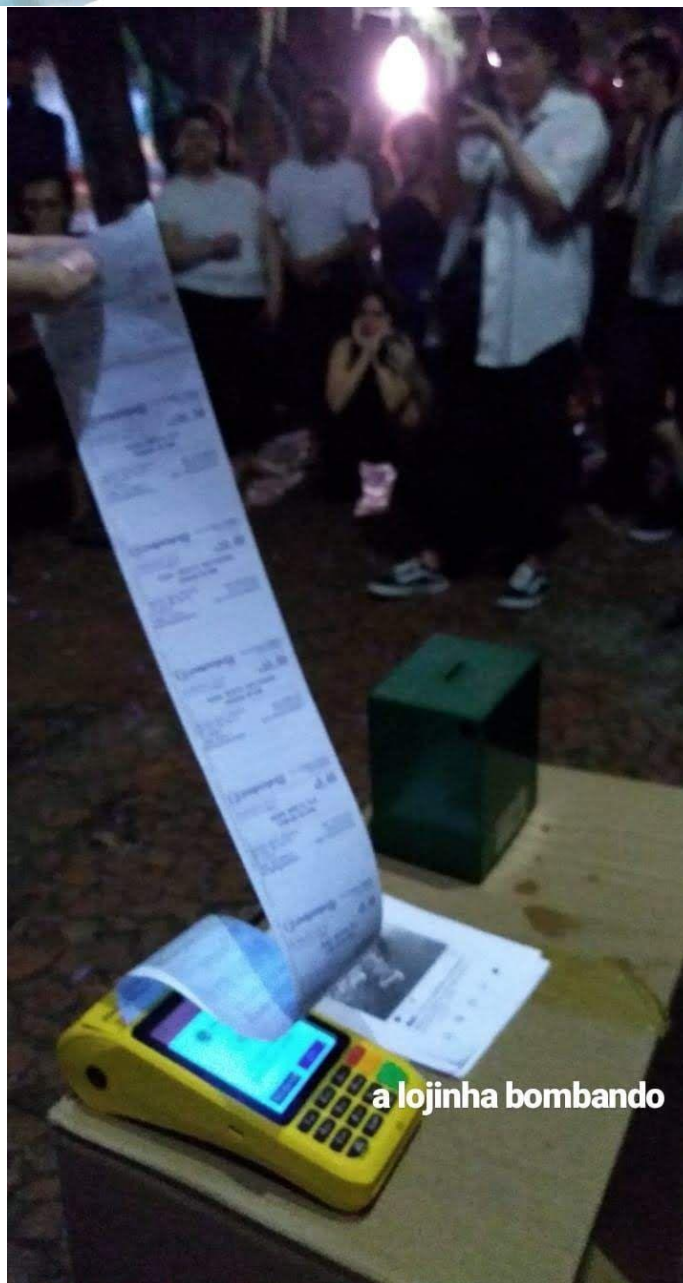
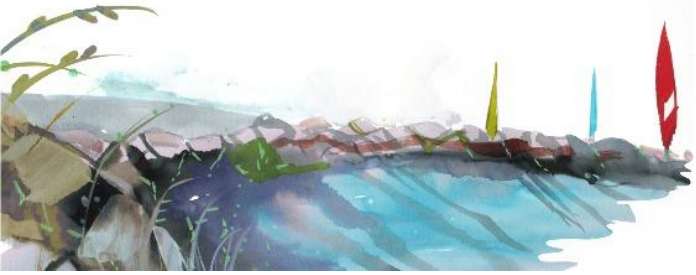


Imagem 4. Amanda de Abreu, Lojinha, 2019, Registro de Performance, 25, 40 cm X 47, 41 cm. Foto: Amanda de Abreu, 2019.

A *Coisinha* surge após um hiato de 3 anos respondendo, de certa forma, à essas performances, como quem traça um plano para conseguir dinheiro e vender coisas.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Longe de se restringir à ideia de um “evento noturno” ou uma festa convencional, a *Coisinha* é pensada como um acontecimento artístico, um território de experimentação sensível que se produz a partir do que vibra no corpo e que por ele se expressa.

Entendê-la como um território não a restringe, somente, em pensá-la como um espaço físico, fixo, delimitado, é pensá-la, também, como um território sensível, intensivo, que é composto por corpos em relação, corpos suscetíveis às forças que os atravessam. Nesse sentido alio-me a noção de corpo-vibrátil proposto por Suely Rolnik (2003), assim compreendo a *Coisinha* como um campo vibrátil de sensações. Para a autora, a dimensão vibrátil do corpo é aquilo que escapa à codificação, escapa aos códigos de condutas, foge de uma codificação dos corpos, resiste a uma subjetividade capitalística, ou seja, um corpo que deixa vaziar o que vibra. É nesse campo que a *Coisinha* como obra/festa cria um território com a pista de dança e com todo o ambiente: como espaço de liberação de forças e corpos que não cabem no regime da norma, transbordam. Engendra-se um território sensível, intensivo, que é composto por corpos em relação, corpos suscetíveis às forças que os atravessam. Forma-se um corpo coletivo que é político, pois cria outras formas de relação, outras maneiras de existir junto. Cada corpo que ali se encontra, vibra junto, se compõe com as intensidades, por um sensível (ainda) não codificado, não classificável, não padronizado. Nesse sentido, a *Coisinha* é uma obra acontecimental e micropolítica. O que a aproxima das proposições neoconcretas de Hélio Oiticica e Lygia Clark, mas também do happening de Kaprow e das ações urbanas de Bruscky.

Como na proposição *Caminhando* de Lygia Clark, que ao cortar percorremos ao mesmo tempo os dois lados de uma fita de moebius, a territorialidade da *Coisinha* é composta por duas superfícies que se movimentam: ora estamos na superfície intensiva, ora na superfície extensiva. Ao dobrar a territorialidade intensiva, na superfície extensiva, que antecede ao acontecimento intensivo, a *Coisinha* acontece em um território previamente demarcado, previamente agendado e publicizado nas redes. Com local e hora determinados para acontecer. Simultaneamente, também desborda essa territorialidade espacial ao inventar territórios, ao ativar o território



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

extensivo subjetivamente, ativando os corpos através de experimentações, de ações artísticas e políticas, em que corpo, som e espaço se articulam numa experiência coletiva que transborda a própria noção de festa.

Assim, me interessa movimentar e deslocar a ideia de território do campo da geopolítica para o campo da sensibilidade. Desse modo, pensar a *Coisinha* como território é, também, produzir um campo de forças por blocos de sensações, é engendrar um plano onde os modos de existência se criam, se desestabilizam, se inventam e se transformam. É pensar que o corpo, individual e coletivo, é um território de forças, não é fechado - mas uma superfície vibrátil que capta, vibra e transforma esse mundo.

A partir de cada edição da *Coisinha*, começo a perceber e a pensar esse território como um campo artístico e político, produzido por corpos e que também os produz, os afeta. É pelo que cada *Coisinha* reverbera que lanço a pergunta: o que pode uma *Coisinha*? Essa pergunta carrega ecos de Spinoza, que em sua filosofia da imanência pergunta “o que pode um corpo?”. Para Spinoza (2010), corpo e pensamento são expressões de uma mesma substância, não há hierarquia entre eles. O corpo não é um instrumento da mente, nem algo a ser domado ou guiado pela razão. Ele é uma potência própria de existir, de ser atravessado por afectos que podem compor e/ou decompor os corpos na sua relação com o mundo. Nesse sentido, com Spinoza (2010), UM corpo se define por sua capacidade de ser afetado e de afetar, por sua abertura às relações que o transformam. Ele nos diz: “ainda não sabemos o que pode um corpo”³. E talvez, nunca responderemos o que pode o corpo, mas é nessa pergunta que ele - o corpo - se move.

Essa dúvida, que é também um impulso, move meu modo de pensar e fazer o espaço da festa como lugar onde corpos, desejos, forças e encontros se atualizam - e aqui já não se trata apenas do que pode o corpo individual, mas o que pode o encontro entre os corpos, esse corpo coletivo também em movimento. Quando troco o corpo pela *Coisinha* na pergunta spinozista, é essa coletividade em ação que me interessa: um



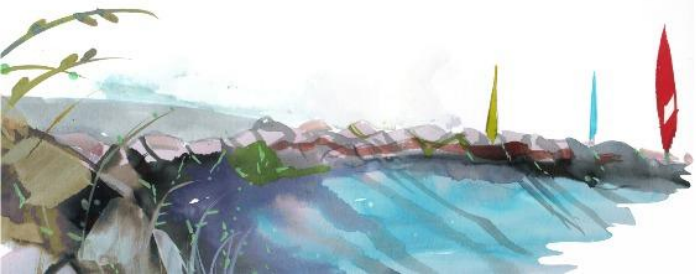
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

corpo coletivo que se cria, quando cada corpo se compõe com os outros corpos e dançam em plena presença, uma espécie de coreografia de intensidades (Imagens 5 e 6).

Dani Lima, coreógrafa, bailarina e pesquisadora brasileira, em diálogo com Viviane Mosé (2009), recupera essa pergunta de Spinoza em relação à dança e ao gesto criador. O diálogo entre elas acontece no programa “Café Filosófico”. Dani Lima começa a conversa com Viviane Mosé comentando sobre seu interesse na dimensão não heroica da dança. Ou seja, uma dimensão não incrível, não virtuosa, mas, sim, uma espessura relativa à capacidade que a dança tem de revelar algo humano. Viviane conecta essa ideia à Nietzsche, e diz que para ele dançar é superar-se, “a dança envolve uma perda de si, em algum grau de perda de si, e abre pra outra possibilidade, isso nos faz desviar o olhar de nós mesmos e nos permite olhar outras coisas” (Mosé, 2009, 3 '56 "). Assim, a partir da dança, desviando o olhar do eu, abre-se a possibilidade de desvio de uma produção moral.





extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Imagem 5. Pedro Bosquetti , Front, 2025, Câmera digital DSLR. 38,9cm X 25,8 cm. Foto: Pedro Bosquetti, 2025.



Imagem 6. Pedro Bosquetti, Front, 2025, Câmera digital DSLR. 38,9cm X 25,8 cm. Foto: Pedro Bosquetti, 2025.

Quando os diferentes corpos dançam na mesma pista de dança cria-se uma ambiência, quero dizer, nada está isolado, as coisas são porque estão em relação. O que me salta aos olhos nesse espaço-tempo da festa são as tensões e combinações na e com a pista de dança, os sabores, os cheiros, os sons do ambiente, sejam as bebidas, as comidas, as músicas, as vozes, as luzes, os corpos e as substâncias. Esse conjunto de intensidades produz sensações que me trazem insights, ele me provoca e ajuda a compreender mais e melhor como formular as proposições das



extremos

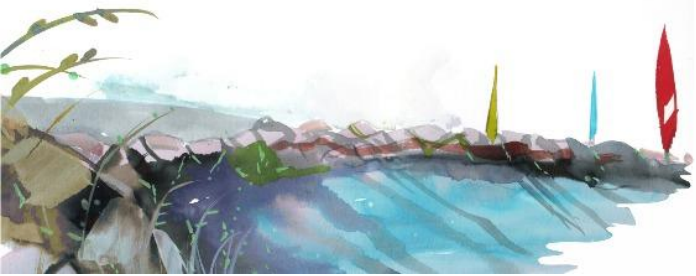
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

edições seguintes. Esse bloco de sensações que meu corpo sofre me orienta, também, em como perceber esse movimento que é gerado ali, trazendo uma espécie de repertórios de pista. Isso que chamo de repertórios de pista são essas vivências que contribuem com a leitura sensível que faço da pista de dança - posicionamento de luzes, objetos, cenografias, movimento das pessoas - e que orientam a minha busca por materialidades que dão visualidades a essas sensações.

Assim a *Coisinha* revela procedimentos de montagem que são variados, mas partem de algumas estratégias recorrentes: ambientações visuais feitas com materiais reutilizados ou de baixo orçamento, tais como, enfeites de festas dos anos 2000, ainda perdidos por algumas lojas de festas do centro da cidade de Pelotas. Procuro por atacados e varejos que vendem EPI's e materiais de trabalho industrial. Busco comércios do tipo 'bugiganga', como lojas de R\$1,99. Nelas encontro coisas que piscam, acetatos brilhosos e brinquedos estranhos. Também recolho lonas descartadas de obras e construções, em estados de novas ou seminovas.

A lona é um elemento importante na composição da pista de dança. Quando estendo uma lona não tenho só um chão, tenho um teto também. A partir dela já tenho um novo lugar para adentrar e experimentar os outros elementos que compõem a ambiência da pista, como a iluminação de baixo custo operada de forma intuitiva. Para a iluminação busco por promoções de luzes e sistemas de luzes simples que não necessitem de uma mesa de operação, mas que tragam um bom resultado, como os leds que funcionam por controle remoto.

Com relação à produção gráfica, é tudo artesanal, impresso e fotocopiado para virar lambe-lambe, zine e adesivo pelas ruas e estabelecimentos das redondezas do bairro Porto. Dessa maneira a produção gráfica divulga e dá pistas dos caminhos para encontrar a *Coisinha*. Quando falta algum material ou detalhes de montagem, o grupo de artistas contribui com o que cada um tem em casa e pode agregar: às vezes é uma extensão, outras vezes é uma lâmpada, mas sempre há colaboração entre as pessoas para que tudo que foi pensado aconteça. É importante dizer que esse processo



extremos

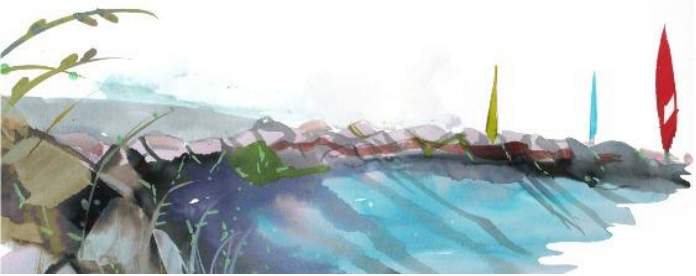
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

envolve não apenas os artistas propositores, mas também o público participante. Por vezes já fiz chamadas perguntando se algum dos frequentadores tinha itens de decoração para contribuir com a ambiência da *Coisinha* e eles chegam na festa carregando os itens que montamos durante o acontecimento da festa. Todos colaboram, os moradores da ocupação, do bairro, os frequentadores habituais, os curiosos, os amigos e os vizinhos. Cada edição torna-se um microcosmo de cooperação, onde o resultado final, por mais que seja pensado e projetado, é imprevisível e emergente.

Essa lógica de criação e montagem alinha-se ao que Regina Melim descreve como "espaços de performance" (2008), nos quais o ato do artista ativa outros atos, ampliando a ideia de autoria. Na *Coisinha*, a autoria é difusa, compartilhada e porosa. Tal movimento é essencial, pois me coloca como artista proponente e, também, como público da proposição.

Durante o acontecimento da *Coisinha* busco frequentar a pista, estar entre, no meio de pista. É aí que sinto meu corpo em um quase transe, algo como um mergulho, que parece ter outra gravidade: o grave das caixas no front ecoa na minha caixa torácica e meu corpo dançante se descola do eu para o si de maneira que me transforma e a pista se torna intensa, sentimental e complexa. Essa experiência é o que me faz perceber os trânsitos que me modificam enquanto artista e pesquisadora, movimentos que revelam uma outra pista da pista de dança, ora compreendida como chão de processos de criação, ora para uma pista experienciada como acontecimento, sensível e inesperado que afeta e modifica os processos de criação.

Ainda pelo meio, percebo a minha atuação como artista entre as ações de curadoria, produção cultural, performances, instalações. E, entre todas elas, percebo que frequentemente emerge o que não foi previsto: os encontros, as afecções, os afetos, as improvisações, as intensidades. Assim, a pista de dança, embora seja o centro pulsante, não é o único vetor da *Coisinha*. A *Coisinha* é uma experimentação, por isso resulta numa experiência que escapa, transborda, espalha. Ela é uma fricção entre



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

visualidade, performatividade e ambiente. Por esse aspecto, alio-me a Regina Melim para pensar nela como um espaço de performance. Um espaço de

[...]múltiplas possibilidades de alargamento da noção de performance nas artes visuais, cumpre-nos ainda destacar nesse último segmento os procedimentos que requerem outra ação para sua realização: o ato (do artista) como ativador de outros atos (dos participantes), endereçando de imediato a noção de obra como proposição ou como instrução. (2008, p.57)

Então, ainda mergulhada nas misturas dessa pista, percebo o quanto me aproximo da ideia de “acontecimento” em Deleuze (2011). Segundo ele, ao discorrer sobre os efeitos de superfície e a natureza dos acontecimentos incorporais a partir dos Estoicos, o acontecimento não é uma coisa, nem o estado de uma coisa. Não é um corpo, nem uma ação. O acontecimento é o que se passa entre corpos, o que se expressa nas superfícies, nas dobras do tempo, nos encontros que escapam à previsão. Pensar o acontecimento por tal ponto de vista é pensar esse instante que vibra e que não se fixa. É um entre. A *Coisinha* e, sobretudo, a pista da festa, nesse sentido, é acontecimental. Ela não se deixa replicar, e por mais que se delineie os elementos, o ambiente, as músicas, o espaço, o horário, ela acontece. E acontece quando a pista se abre, quando o som explode, quando cada corpo e o corpo coletivo responde.

Quando eu me pergunto “o que pode uma *Coisinha*?”, não estou falando só do antes ou da produção e da montagem - do ato de convidar, de curar, de organizar. Estou falando do durante, do presente ou, talvez, algo mais distante dessa relação de tempo. Acredito, por vezes, que nem ‘presente’ é; talvez um presente que está, um presente que é efeito, que vibra. Algo mais próximo a uma suspensão temporal que se dobra a cada set e atinge outros lugares dentro do tempo intensivo que se cria ali.

Nesse sentido, essa pista é uma instalação-viva, de performance, fruição e fricção; crises e gerenciamentos de crises, expurgo e prazer. (Imagem 7)

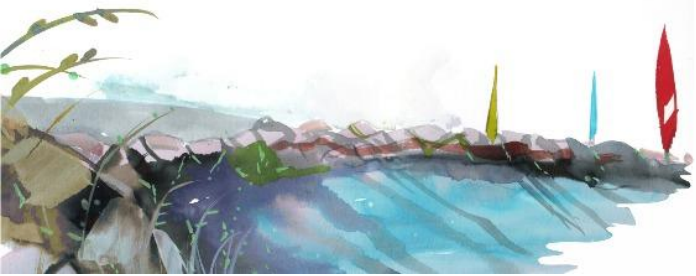


extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 7. Amanda Rezer, CarnaCoi, 2025, Câmera digital 28,28 cm X 42,33 cm. Foto: Pedro Bosquetti, 2025.



Mas afinal, que Coisinha é essa?

A cada edição da *Coisinha* lanço um tema que se materializa graficamente em cartazes, estampas, ambientações visuais e instalações. E, cada edição reverbera na maneira como o público se envolve com o espaço, e que são múltiplas e singulares. Percebo que há um desejo de construção coletiva que se manifesta nos corpos, nos gestos, nas roupas criadas especialmente para a festa, muitas vezes feitas em ateliês de costura e práticas de upcycling. Todas essas manifestações são ativadas por participantes, emergem da pista, no modo como o entorno se prepara e responde.

Nesse sentido, a *Coisinha* se aproxima das ideias de “pós-produção” formuladas por Nicolas Bourriaud (2004). Segundo ele, artistas contemporâneos não operam mais no modo da criação ex nihilo - referente a criação do nada -, mas como dj's ou montadores, remixando, recontextualizando, reeditando materiais já existentes. Na *Coisinha*, vejo isso acontecer o tempo todo: a trilha sonora mixa referências, o espaço da festa se apropria de prédios ocupados, as roupas remixam sobras de tecidos, a própria pista de dança se torna uma colagem de gestos e intensidades. A produção aqui é sempre pós-produção. É a montagem do mundo com o que se tem, o que se encontra e o que se atualiza ali. O território da festa é um terreno fértil de deslocamentos, e é nesses deslocamentos que a arte acontece.

Neste momento, a *Coisinha* acontece no Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão. Um espaço autônomo e insurgente onde diferentes formas de vida e de criação se entrelaçam, acolhendo a população mais vulnerável com moradia, alimentação e cultura. A escolha do Kilombo se deu pelo caráter político e estético do espaço. A ocupação habita um prédio que pertenceu à Marinha do Brasil e padeceu abandonado como a maioria dos grandes prédios do bairro Porto da cidade de Pelotas, revelando pelas ruínas as crises econômicas e sociais que atravessam o tempo. A *Coisinha* é um corpo marginal que vive à essa margem urbana e produz vida junto do Kilombo potencializando nossa rede.



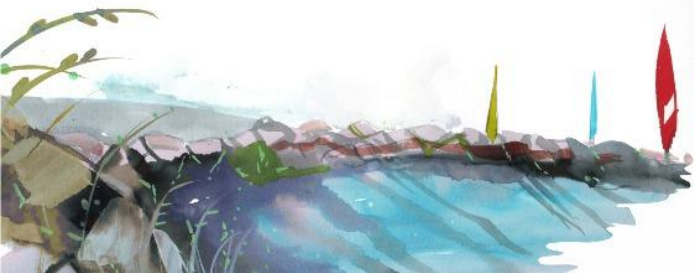
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Nesse contexto, a festa ativa o espaço todo: a cozinha comunitária se fortalece com a presença do público, os moradores e moradoras colaboram com a montagem e desmontagem, com a infraestrutura, com o cuidado coletivo e com a economia criativa daqueles que são ambulantes e artesãos ligados à rede de apoio do Kilombo (Imagens 8 e 9). A festa vira ocasião de encontro entre práticas artísticas, ativismos, sobrevivências e formas de imaginação política.



Imagem 8. Pedro Bosquetti, Dona Sônia, 2025, Câmera digital DSLR. 38,9cm X 25,8 cm. Foto: Pedro Bosquetti, 2025.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

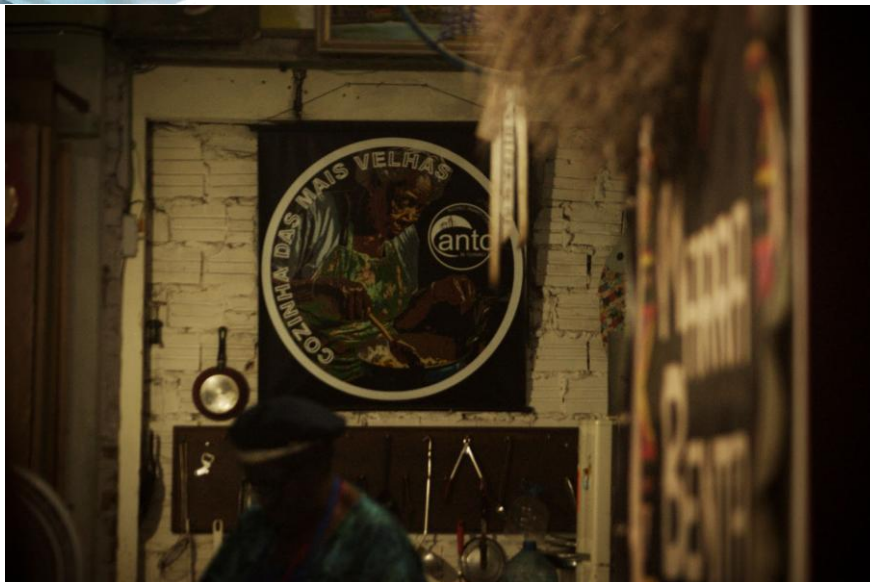
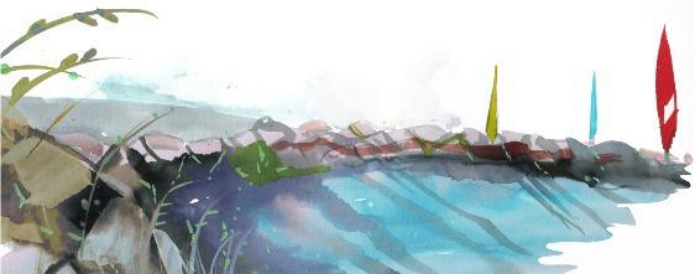


Imagem 9. Pedro Bosquetti , Dona Marlene, 2025, Câmera digital DSLR. 38,9cm X 25,8 cm. Foto: Pedro Bosquetti, 2025.

Conclusão...

Estudando “posição e programa”, de Hélio Oiticica (1986), encontro um campo de ressonância muito forte com a *Coisinha*. Oiticica propõe um deslocamento da ideia de arte como objeto para arte como vivência: uma estrutura aberta de participação em que o artista se reposiciona diante da obra. Ele nos convida a pensar a obra como situação, como ativação. A *Coisinha* e a pista da *Coisinha* me parecem operar assim: efêmera e intensamente vivida. Seu programa não está fixado, é um convite à presença, à escuta, à transformação do espaço pela experiência. Como em Oiticica, a posição aqui é processual, relacional e corporal. É na ativação, e não na contemplação e na passividade que a coisa acontece.

Então quando falo “da pista à pista”, estou pensando nessa travessia: da pista enquanto ambiente e caminho. Por ela uma trajetória artística que me leva à festa, à pista como chão, como espaço onde a arte se faz viva. Assim, a pista como percurso de pesquisa à pista como território de acontecimento. A *Coisinha*, nesse sentido, opera como um disparador artístico que desestabiliza os limites entre arte e vida, entre



curadoria e improviso, entre obra e vivência. Ela é um campo aberto, um acontecimento, que mistura gesto, corpo, som, afecto.

Essa mistura é, talvez, sua maior força política, não por dizer algo diretamente, mas por colocar em movimento os corpos, por produzir atravessamentos e criar modos de existência. Ao invés de fixar os sentidos, a *Coisinha* instala condições de possibilidade. Seu gesto é esse: criar pistas para outras pistas.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Tradução de Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Martins Editora, 2009.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ. Rio de Janeiro, v. 17, n. 17, p. 128-13: Cidade, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/issue/view/2060>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MELIM, Regina. Performance nas artes visuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MOSÉ, Viviane; LIMA, Dani. O que pode um corpo?. Café Filosófico, 2009. Conversa/debate, 47'51". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d8kSSGX1Ufw>. Acesso em: 15 jun. 2025.

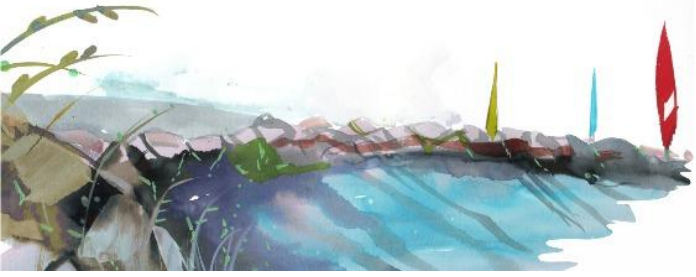
OITICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca e TESSLER (orgs). O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

ROLNIK, Suely. "Fale com ele" ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Conferência proferida nos simpósios: Corpo, Arte e Clínica (UFRGS, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – Mestrado. Porto Alegre, 11/04/03); A vida nos tempos de cólera (ONG Atua, Rede de Acompanhamento Terapêutico. Itaú Cultural, São Paulo, 17/05/03) e A clínica em questão: conversações sobre clínica, política e criação (DA de Psicologia UFF e Universidade Nômade, Niterói, 05/12/03).

SPINOZA, Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Edição bilíngue, 2010.

Notas



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

¹ Artista visual formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Mestranda em Artes pela mesma instituição e pesquisa pelo do Grupo Patafísica e Estudos Sobre a Profundidade, onde se dedica à interseção entre filosofia e arte. Seu trabalho abrange performance e instalação, explorando narrativas urbanas e cotidianas do subúrbio. Atualmente em Pelotas, produz o projeto performático Coisinha. Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2073732497922960>

² Doutora em Educação pelo PPGE - FAE - UFPel (2020), Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV - IA - UFRGS (2010), Especialista em Poéticas Visuais pela Universidade FEEVALE (2008), Graduação no Curso de Artes Visuais Bacharelado em Gravura pela Universidade Federal de Pelotas (2005). É professora adjunta do Centro de Artes da UFPel. Coordenadora do Projeto Patafísica: arte-educação-filosofia. Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7036286650193178>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9518-9384>.

³ Conforme Escólio da Proposição 2 da terceira parte da Ética, “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo - exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente - pode e o que não pode fazer.” (Spinoza, 2010, p. 167).